

ÁRVORE DA RESISTÊNCIA:  
UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE CONSTRUÇÕES NARRATIVAS

por

Luiza Arcoverde  
Monica Guimaraes  
Nathalia Gadelha  
Patricia Magacho  
Regina Jardim  
Roberta Magacho

---

Artigo apresentado.....

Agosto de 2010

## RESUMO

O presente artigo relata uma experiência com a utilização de metáforas narrativas na ampliação dos discursos de pessoas desabrigadas em função de enchentes no Rio de Janeiro- Brasil, em abril 2010.

Primeiramente é apresentada uma descrição do trabalho como desenvolvido. Em seguida, é feita uma articulação da teoria com a prática através de exemplos de narrativas construídas pelos participantes durante o trabalho.

A conclusão organiza as reflexões da equipe quanto aos aprendizados produzidos pelo trabalho e seus desdobramentos possíveis.

**Palavras chaves:** psicologia colaborativa, exercício coletivo, desabrigados, abordagem narrativa, arvore da vida.

## ABSTRACT

This article describes an experience with the use of metaphors to expand the narrative discourse of people that became homeless due to floods in Rio de Janeiro-Brazil, in April 2010.

First there is a description of the work as designed. Then, there is a linkage between theory and practice through examples of narratives constructed by participants during the work.

The conclusion of the team organizes the reflections on the learning produced by the event and its possible developments.

**Key words:** collaborative psychology, collective exercise, homeless people, narrative approach, the tree of life.

# ÁRVORE DA RESISTÊNCIA:

Uma experiência coletiva de construções narrativas

“...porque a vida, a vida, a vida, só é possível reinventada.”

Cecília Meirelles

## CAPÍTULO I: ANTECEDENTES

O nome Jardim das Narrativas designa um grupo de estudo e atendimento psicoterápico composto por uma equipe de psicólogas do Rio de Janeiro, Brasil. A equipe se constitui a partir do interesse comum pela abordagem narrativa. Desde 2008, o grupo tem compartilhado seus entendimentos e experiências clínicas com essa abordagem.

No início de abril de 2010, a cidade do Rio de Janeiro foi assolada por chuvas devastadoras que causaram várias mortes e deixaram centenas de famílias desabrigadas. Um dos locais que acolheu algumas dessas famílias era próximo de uma universidade a qual todas as integrantes da equipe estão ligadas de alguma forma, seja por vínculos presentes ou passados. A assistente social deste abrigo temporário solicitou à instituição a realização de algum tipo de trabalho de suporte psicológico para as famílias desabrigadas.

A partir deste convite, a equipe Jardim das Narrativas pensou na possibilidade de aplicar uma ferramenta de abordagem narrativa com alcance coletivo. Diante de nosso antigo interesse e encantamento pela *Árvore da Vida* e dos nossos avanços no estudo desta ferramenta, nos pareceu adequado utilizá-la como base teórica para responder a esta demanda.

Na primeira visita da equipe ao abrigo ficou claro que não seria possível realizar o trabalho com todo o nível de etapas e aprofundamento que compõem o exercício tradicional da “Árvore da Vida” como descrito na literatura. Essa percepção se deu a partir da observação da precária estrutura física e da limitação de tempo imposto pelo fato de se tratar de um abrigo temporário. Contudo, decidiu-se utilizar, de forma livre e ousada, as metáforas da árvore e das florestas como disparador para conversas de ampliação da perspectiva de todos os envolvidos no evento, ao que a equipe chamou “Árvore da Resistência”.

## CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DO ENCONTRO

### *Planejamento*

O primeiro contato com a equipe Jardim das Narrativas ocorreu através de uma das assistentes sociais da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro que atuava como gestora de abrigos temporários. A demanda inicial apresentada por esta profissional era por algum tipo de auxílio psicológico aos desabrigados.

Diante desta solicitação, foi marcada uma primeira visita para conhecer o local e o público com o qual a equipe iria trabalhar. Tratava-se de um clube desapropriado, aos pés da favela de origem das famílias-vítimas do desabamento. A equipe foi recebida por um grupo de assistentes sociais em uma reunião em que foram explicados o funcionamento do abrigo e as demandas psicológicas que elas acreditavam existir para aquele grupo. Após esse encontro, munidas das informações recebidas e das impressões pessoais da equipe, foi planejado um trabalho que se alinhasse com as possibilidades reais do contexto encontrado.

O único local disponível para realização do trabalho era uma quadra de esportes aberta. Assim era, pois todos os cômodos fechados do local estavam transformados em dormitórios. Havia aproximadamente 25 famílias, predominantemente formadas por mulheres e crianças. Este número era flutuante, uma vez que se tratava de um alojamento temporário. A partir do momento que chegava para a família o auxílio do governo para uma nova moradia, esta tinha que deixar o abrigo em, no máximo, 48 horas. Em função desta informação, a equipe planejou um encontro com enfoque breve e pontual.

Diante deste cenário, do embasamento teórico e da demanda sugerida pelas assistentes sociais, a equipe Jardim das Narrativas resolveu que a utilização da ferramenta da Árvore da Vida, de forma compacta e adaptada, seria uma opção apropriada para o evento e o momento.

Ao compartilhar suas impressões pessoais sobre os desabrigados, a equipe percebeu que, em oposição às expectativas iniciais de deparar-se com sofrimento, lamento e desolação, o que havia sido encontrado no abrigo eram pessoas que respondiam de forma dinâmica, organizada e com formação de lideranças à tragédia sofrida. A partir daí, despertada a curiosidade da equipe, foram desenvolvidas perguntas norteadoras para as etapas do processo que iluminassem as respostas de enfrentamento e resistência que mantinham em pé essas pessoas. Nasce assim, a idéia da Árvore da Resistência.

O passo seguinte envolveu a escolha do grupo com o qual trabalhar. A decisão foi tomada a partir da consideração de três aspectos: a demanda das assistentes sociais por um trabalho junto aos adultos, a informação de que as crianças participavam de oficinas lúdicas e a observação de um representativo número de jovens.

Desta forma, a equipe imaginou trabalhar com um grupo de, no máximo, 15 pessoas, com idade a partir de 13 anos, ao longo de um dia inteiro e com um intervalo para o almoço. A equipe se organizou da seguinte forma: a coordenadora apresentaria as instruções ao microfone, enquanto os demais membros da equipe ficariam apoiando os participantes em pequenos subgrupos.

Definido o que seria feito e a data para a realização do trabalho, houve uma segunda visita ao abrigo, dois dias antes do evento. Neste dia, a equipe deixou uma folha de inscrição que continha algumas regras sobre o funcionamento do encontro e um espaço para que as pessoas que tivessem interesse em participar pudessem se candidatar. Isso ajudaria a limitar o número de pessoas a fim de tornar o trabalho viável da forma como havia sido planejado.

### *Execução*

No dia do evento, a equipe chegou ao abrigo um pouco antes do horário marcado para preparar a quadra. A equipe Jardim das Narrativas hoje é formada pelos seguintes jardineiros: Regina Jardim, Patricia Magacho, Roberta Magacho, Natália Gadelha, Monica Guimarães, Luiza Arcoverde (que infelizmente esteve impossibilitada de comparecer às visitas ao abrigo). Existe ainda uma jardineira em licença, Paula Jardim e para esse trabalho específico, a equipe contou com o apoio de Paulo Borba nas fotos e filmagem.

O material utilizado ficou a cargo da equipe e constou de: um plástico gigante para delimitar e selecionar dentro da quadra o espaço pertencente ao encontro, amplificador e microfone, folhas de cartolina, canetinhas de vários tamanhos, pranchetas, máquina de fotografar e filmar.

Depois de tudo preparado, foi colocada a música “O que é o que é”<sup>1</sup> do compositor Gonzaguinha de forma a atrair as pessoas. Após alguns minutos de espera, percebeu-se que, apesar dos esforços anteriores da equipe, o interesse do público alvo ainda estava aquém do necessário para o início dos trabalhos.

Diante disso, o movimento seguinte, após um breve momento de reflexão, foi explorar alternativas para estabelecer o que seria possível realizar. Nessa busca, um grupo de crianças despertou a curiosidade de parte da equipe que ficou observando o envolvimento delas com uma brincadeira de roda. As crianças cantavam e seguiam as instruções de uma cantiga popular<sup>2</sup>. A equipe decidiu então se aproximar e convidá-las para participar de uma atividade lúdica. Em resposta ao convite, foi ouvido um uníssono e retumbante SIM!!SIM!!! Vamos lá!

As crianças chegaram animadas à quadra e, quando viram o microfone, animaram-se ainda mais. De alguma forma, e certamente da forma delas, se organizaram ao redor das folhas e se revezaram ao microfone. Ao som deste movimento, outras crianças foram surgindo, muitas de dentro da piscina que chegavam todas molhadas e querendo participar. Alguns adultos foram também se aproximando, mas estes ficaram, a princípio, como “expectadores” do processo.

Quando se conseguiu captar razoável atenção das crianças, introduziu-se a idéia do encontro. Neste momento, coordenadora da equipe se dirigiu ao grupo com as seguintes palavras:

---

<sup>1</sup> A música está descrita no Anexo 1.

<sup>2</sup> A brincadeira e a cantiga estão descritas no Anexo 2.

*‘Eu sou professora... Mas, eu não vim aqui para ensinar nada a ninguém! Eu sou psicóloga... Mas, eu não vim aqui para analisar e nem avaliar ninguém! Eu... Nós viemos aqui para aprender!...Como?’*

*Quando a gestora do abrigo nos procurou, estávamos intrigados sobre como poderíamos contribuir em uma situação que sabíamos de extrema dor, perdas, e desamparo. Viemos fazer uma visita e chegamos em um sábado bem na hora do almoço. O que vimos foram pessoas cozinhando e pessoas comendo, alojamentos organizados, banheiros cuidados, crianças brincando, espaço de pintura. Enfim, carinho, cuidado, preocupação, doação... e nós pensamos...*

*De onde vem essa força de organização? Como conseguem responder com tanta garra? O que preservam como precioso em meio a tanto trauma? Quais as esperanças que alimentam essa resistência?*

*Para aprender com vocês sobre essa força e essas esperanças, gostaríamos de convidar (a todos que quiserem) para compartilhar uma atividade de imaginação e desenho. Como meu nome é Jardim e a equipe é Jardim das narrativas e a brincadeira de vocês era sobre plantar um pé de alface no quintal...convidamos para que possamos desenhar alguma coisa ligada a essa idéia. Trouxemos conosco a metáfora da árvore, mas cada um pode escolher desenhar um canteiro ou um pé de alface ou o que quiser. Ao longo do tempo, vou dando algumas instruções sobre as reflexões que podem servir de pano de fundo para nossas construções’.*

Nesse momento, a equipe apresentou para o grupo um conjunto de regras norteadoras que tomou emprestado dos trabalhos de terapia comunitária do prof. Adalberto Barreto<sup>3</sup>. As regras incluem: fazer silêncio quando outro estiver falando; falar sempre na primeira pessoa do singular – usando o “EU”; não julgar e nem dar sermão; não dar conselhos.

A estas, foram acrescentadas as seguintes observações: Durante as reflexões, quem se lembrar de uma música ou um poema pode chamar a atenção de qualquer uma das apoiadoras que, logo que possível, e se possível, a canção ou o poema será introduzido(a) no trabalho; como estamos em um lugar aberto, não devem ser trazidos

---

<sup>3</sup> Professor Adalberto de Paula Barreto é doutor em Psiquiatria e Antropologia, Terapeuta Familiar e Coordenador do Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária. Adalberto desenvolveu a Terapia Comunitária no Brasil.



segredos. Apenas assuntos que possam ser compartilhados com todos; ao longo do encontro, os participantes podem compartilhar somente assuntos do seu interesse.

O próximo passo foi à apresentação das etapas do desenho de acordo com os seguintes norteadores:

## 1. CHÃO E RAÍZES

*‘Se estamos desenhando a árvore, vamos pensar no chão e nas raízes. Qualquer coisa que você escolheu desenhar deve estar apoiada no chão. O convite é pensar: Em que você se apóia hoje para seguir em frente cada dia? Assim como a árvore tira alimentação do solo através das raízes, de onde você tira a força que alimenta sua vida e sua esperança? O que o mantém de pé? O que você faz ou aonde você vai quando necessita buscar força?’.*

Nesse momento, a equipe ofereceu pranchetas com folhas brancas de papel ofício para os adultos que acompanhavam o encontro sentados em volta do plástico preto que delimitava a área das crianças. Alguns se animaram a escrever e/ou desenhar.

## 2. TRONCO

*‘O que você gosta de fazer? O que você faz muito bem? Em que você é muito habilidoso? O que você quer fazer ainda melhor no futuro?’.*

Nesta etapa, a equipe resolveu substituir as palavras “habilidade” e “competência” pelo verbo “fazer” em função da percepção de que tais palavras pareciam não fazer parte do vocabulário das crianças presentes.

Ainda na tentativa de adequação do vocabulário ao universo dos participantes, a equipe considerou importante oferecer exemplos sobre habilidades como: saber

cozinhar, cuidar dos menores, ter paciência para ouvir os outros, saber arrumar, fazer bem limpeza, animar e brincar com as pessoas, etc.

### 3. COPA

A copa foi dividida em 4 partes, a saber:

#### PARTE 1- GALHOS

*‘O que você quer agarrar nessa vida? O que você quer ser ou fazer no futuro? O que você quer conquistar para você nesse mundo? Qual seu sonho? Quais suas metas?’.*

#### PARTE 2- FOLHAS

*‘Coloque nas folhas o nome de pessoas que foram importantes e influenciaram na origem de seus sonhos e metas. Podem ser pessoas que estão com você aqui hoje. Ou que estão com você hoje, mas não aqui no abrigo ou na mesma cidade. Podem ser pessoas que não estão mais com você hoje, mas que deixaram para você essa marca ou esse valor. Pode ser uma música, um poema, um modelo, um personagem de cinema, televisão, livro ou quadrinho’.*

#### PARTE 3- FRUTAS

*‘As frutas podem representar os presentes que você ganhou na sua vida, sejam materiais ou afetivos. Amor, bicicleta, carinho, colo, ajuda. O que você considera que foram os melhores presentes de sua vida?’.*

## PARTE 4- FLORES

*‘As flores podem representar as contribuições que podemos doar para a vida. Pode ser agradecendo as pessoas que nos presentearam, ou simplesmente ampliando nosso sentimento de gratidão’.*

## COMPARTILHAMENTO

Os desenhos das crianças eram colados no muro da quadra na medida em que ficavam prontos. Ao todo participaram do trabalho, em momentos distintos, em torno de 30 pessoas. Por ocasião do compartilhamento o excessivo calor e as grandes diferenças nos tempos dedicados pelas crianças às suas criações produziram certa dispersão no grupo. Muitas foram mergulhar na piscina para se refrescarem enquanto outras ainda terminavam suas produções. Não foi possível completar as fases seguintes que estavam planejadas, a saber: um nome para a floresta, a tempestade, seus efeitos e as respostas das florestas, dos animais e das pessoas às tempestades que assolam suas vidas.

Em função disso, o encerramento aconteceu a partir do compartilhamento das reflexões de forma individualizada. As crianças que participaram dessa fase narraram individualmente para um dos membros da equipe suas histórias, orientadas por perguntas que serviram para a confecção dos certificados. Ficou também acertado que seria feito um encontro para a entrega desses certificados em data posterior.

## CAPÍTULO III: DIÁLOGOS TEÓRICOS-PRÁTICOS

### *O Instrumento Norteador: A Árvore da Vida*

De acordo com Denborough (2008), a metodologia da Árvore da Vida foi co-desenvolvida pelo Dulwich Center na Austrália e Ncazeo Ncube na África, em resposta aos seguintes desafios por eles encontrados: Como é possível lidar com as vidas de indivíduos que passaram por traumas significativos e/ou perdas de formas que não sejam re-traumatizantes, mas que reduzam os efeitos do trauma e tragam à luz as habilidades e os conhecimentos das próprias pessoas? Como é possível prover experiências que aumentem a conexão destes sujeitos com suas famílias, valores e herança cultural?

A metodologia da “Árvore da Vida” assegura, segundo os autores, que as crianças tenham um território seguro de identidade em que se apoiar antes de começarem a falar sobre as dificuldades em suas vidas. O processo consiste em quatro partes:

1ª Parte: A árvore da vida / 2ª Parte: A floresta da vida / 3ª Parte: Quando vem a tempestade / 4ª Parte: Certificados e música

O objetivo das duas primeiras partes deste processo (“Árvore da vida” e “Floresta da vida”) é construir e confirmar “uma segunda história” sobre a vida de cada criança. Essa segunda história consiste nas experiências, habilidades, esperanças e sonhos de cada criança.

O objetivo da terceira parte (“Quando vem a tempestade”) é de possibilitar que as crianças identifiquem e falem sobre as dificuldades ou momentos difíceis que eles possam estar passando e também identificar as formas que elas estão respondendo a isto que lhes acontece. O objetivo da quarta parte (Certificados e música) é de assegurar que

as crianças estão terminando este processo levando consigo um rico conhecimento sobre suas experiências, habilidades e as ligações com adultos significativos nas suas vidas (Denborough, 2008).

A “Árvore da Resistência” é uma “versão compacta” da Árvore da Vida, adaptada para suprir as limitações de tempo e espaço.

Parte do valor desse trabalho consiste na abordagem da vida como uma combinação das experiências passadas, das vivências do presente e dos objetivos e sonhos para o futuro. Para Morgan (2007), todas as histórias afetam presente e futuro e são constitutivas da vida.

E, foi graças às “experiências passadas” que garantimos a realização do trabalho, ao ampliarmos o convite de participação a todas as pessoas presentes no local, naquele momento, sem limite de idade.

Para as crianças, foi um convite irresistível. Adesão imediata. Atraídas pela música e pelo desejo de desenhar, se envolveram na atividade com alto nível de entusiasmo. Para os adultos, um desafio entre a curiosidade e a desconfiança.

O empenho da equipe estava em iluminar o olhar das pessoas para seus recursos e competências, ampliando a possibilidade de conexão-reconexão com suas próprias histórias. Foi, sem dúvida, uma vivência rica de alegria, de participação e de comunicação de afetividade, como demonstram as narrativas a seguir: “Arrumo bem a casa”; “Cuido de bichos e plantas. Quero ser veterinária”; ‘cuido bem de mim”.

Assim, temos indicação de que ao final prevaleceu o aprendizado da valorização da vida enunciado pelas habilidades, sonhos e esperanças de muitos.

## **Histórias Alternativas**

Segundo a teoria construcionista, as histórias de nossas vidas podem ser constantemente contadas e re-contadas. De acordo com Anderson e Goolishian, ‘as pessoas vivem e compreendem seu viver através de narrativas socialmente construídas que dão significado e organização às suas experiências’ (1993, p.10).

As histórias que temos a respeito de nossas vidas são criadas através da interligação de certos eventos, numa sequência particular, através de um período de tempo, e do encontro de uma maneira de explicá-los ou dar-lhes sentido (Morgan, 2007, p.15).

As narrativas não são estáticas e, por isso, estão sempre abertas para uma reconstrução transformadora. Na medida em que uma narrativa é construída, incontáveis aspectos de nossas experiências podem ser deixados de fora por não se enquadrarem nos relatos dominantes que temos a respeito de nós mesmos. Essas experiências periféricas que ficam fora dos nossos relatos dominantes podem, em algum momento de nossas vidas, serem iluminadas e valorizadas, criando condições para reconstrução de significados e sentidos de self por meio da construção de narrativas alternativas (Grandesso, 2000).

As etapas da construção da árvore, considerando as condições presentes do indivíduo, seus valores, suas habilidades e competências e seus anseios de futuro, fazem vibrar todas as cordoálias que possibilitam o despertar de uma nova e mais esperançosa narrativa de história de vida.

A equipe destaca a importância das etapas “Tronco”, “Galhos” e “Flores”. Nas quais as crianças falaram sobre suas habilidades e competências especiais, assim como sonhos, metas, contribuições e doações para a comunidade. Tarefas simples como

cozinhar, cuidar dos menores, comprar pão e ter paciência se tornaram acessíveis e valorizadas. Como resultado, é possível pensar que construções pessoais mais enriquecidas podem ter sido construídas, favorecendo ações futuras mais ampliadas.

Alguns exemplos de narrativas que surgiram ao longo do trabalho e que ilustram esse ponto são: ‘Sou capaz de ser quase tudo. Sou capaz de me cuidar sozinho’; ‘Eu quero conquistar uma vida boa. Eu quero ser dançarina de hip hop’; ‘Quero ser cozinheira de batata frita’; ‘Quero ser skatista’; ‘O que eu gosto de fazer é cuidar dos outros’; ‘Faço bem: economizar água, desenhar, não jogar lixo na rua’; ‘Quero ser bailarina, jogadora de vôlei e nadadora do flamengo’; ‘Quando eu crescer, eu quero ser uma modelo profissional e ser professora’; ‘Eu gosto de brincar e ajudar os próximos’; ‘O que eu mais gosto de fazer é ajudar as pessoas nas horas mais difíceis’.

### **Rememoração**

Michael White, inspirado no trabalho da antropóloga cultural Barbara Myeroff, criou o termo conversações de reassociação (remembering) para nomear as conversações que se estruturam em torno da compreensão da vida como se fosse um clube. Este clube tem em seu quadro principal pessoas, vivas ou não, reais ou fictícias, mas sempre significativas e influentes na forma como a pessoa constrói sua identidade (Grandesso, 2008).

Essas considerações se relacionam com a parte “Folhas” da Árvore da resistência, na qual as crianças identificam as pessoas importantes e que influenciaram suas vidas. Nesse momento, os relatos e os desenhos dos participantes enriqueceram-se de emoção compartilhada. Muitas mães, inclusive presentes ali na hora, escutaram de

seus filhos a confirmação e o reconhecimento de sua extrema importância física e emocional.

As seguintes narrativas ilustram esse ponto: ‘Aprendi sobre generosidade com uma tia cega que ajuda as pessoas’; ‘Minha mãe porque me ensinou a escrever’; ‘Minha mãe que me abraça quando eu acerto no dever’; ‘As pessoas que estão guardadas no meu coração são a minha mãe, minhas avós e minha família’; ‘As pessoas que mais gosto são minha família’; ‘Amo minha mãe’; ‘Gosto mais da minha mãe e da minha avó’; ‘Eu gostaria de dar mais um pouco do meu amor a minha mãe, minha irmã, minha vovó, minhas amigas’; ‘A primeira vez que meu padrasto me trouxe uma música’; ‘Minha mãe é importante’.

### **Testemunhas Externas**

Na prática narrativa, testemunhas externas são pessoas ou comunidades convidadas a participar como audiência para reconhecer, legitimar e validar os relatos e alegações dos indivíduos sobre suas novas identidades preferenciais (Carey & Russell, 2007).

A audiência de testemunhas externas pode se constituir como um verdadeiro antídoto contra os efeitos do isolamento, invisibilidade e conseqüente marginalidade, permitindo as pessoas da comunidade assistida um sentido de autenticidade

Durante a realização deste trabalho, embora não tenha sido possível que cada participante relatasse sua história a todos os outros juntos como platéia, sem dúvida quase todos puderam relatar suas histórias para pelo menos uma pessoa da equipe jardim das narrativas que funcionava ali com o peso extra de “platéia especialista”. Muitos tiveram como testemunhas algumas outras crianças e ainda outros eram testemunhados pelos familiares (mãe, irmãos). Um bom exemplo para ilustrar este



ponto é o desenho de uma planta de uma casa nomeado “Sonho de uma família” e compartilhado com a mãe e as irmãs, que pode ser visto a seguir:

**Figura 1**



No entendimento da equipe, as mensagens de afeto e gratidão produzidas pelos participantes refletiam o reconhecimento da importância do testemunhar de todo o encontro, do valor do lugar de testemunha externa. Nos desenhos a seguir é possível visualizar algumas dessas mensagens.

Figura 2



Figura 3



## **Certificados**

Certificados são registros importantes que ficam disponíveis para a pessoa ter acesso a qualquer momento. É um documento escrito que registra os compromissos e as direções que as pessoas escolheram e que as ajudam na construção de suas vidas preferidas (Morgan, 2007). Cada releitura do certificado da árvore da resistência pode atuar como uma recontagem da história alternativa, o que pode contribuir para o surgimento e reforço de novas possibilidades.

Chamou muita atenção da equipe o fato de que embora os participantes tivessem dispersado muito durante a fase dos relatos, no momento que iam percebendo que os mesmos produziam como resultado um certificado que eles poderiam ter e guardar para si, o interesse retornava e todos queriam o “certificado”.

Talvez pelo fato do Brasil ser uma sociedade muito cartorial e valorizar muito os papéis (diplomas, certificados, títulos, etc.), os participantes mostraram-se muito desejosos de receber o certificado e algumas mães mostravam preocupação ansiosa se o filho tivesse realmente participado do trabalho, mas saído antes de receber o certificado.

Seguem abaixo alguns modelos de certificados concedidos:

Este certificado é concedido a XXXXXXXXXX XXXXX



*Por provar para si próprio(a) e para os outros que tem habilidades que o(a) sustentaram e continuam a sustentar na vida. Ele(a) tem também pessoas especiais na vida, sonhos especiais e esperanças para o futuro.*

Suas habilidades incluem: dancar, arrumar a casa, cuidar dos irmãos, nadar.

E suas esperanças e sonhos são: quero ser dançarina de hip hop, professora e conquistar uma boa vida.

Também ele(a) gostaria de homenagear as seguintes pessoas na vida dela: a mãe, o pai, minha avó e meus irmãos.

Este certificado é concedido a XXXXX



Por provar para si próprio(a) e para os outros que tem habilidades que o(a) sustentaram e continuam a sustentar na vida. Ele(a) tem também pessoas especiais na vida, sonhos especiais e esperanças para o futuro.

Suas habilidades incluem: ajudar as pessoas nas horas mais difíceis, brincar.

E suas esperanças e sonhos são: ser professora e ser modelo' profissional.

Também ele(a) gostaria de homenagear as seguintes pessoas na vida dela: minha mãe, minha avó e minha família. Porque elas são carinhosas comigo.

Este certificado é concedido a XXXXXXXXXX



Por provar para si próprio(a) e para os outros que tem habilidades que o(a) sustentaram e continuam a sustentar na vida. Ele(a) tem também pessoas especiais na vida, sonhos especiais e esperanças para o futuro.

Suas habilidades incluem: escrever bem.

E suas esperanças e sonhos são: ser cozinheira, fazer batata frita.

Também ele(a) gostaria de homenagear as seguintes pessoas na vida dela: a mãe, que a ensinou a escrever.

Foi bastante interessante para a equipe reparar que as conversas que surgiam para confecção do certificado pareciam trilhar os caminhos da construção da metáfora, embora ainda que de forma mais simplificada e reduzida. Também deixavam um documento que organizava as áreas mais relevantes do processo de perseguir uma nova história alternativa.

## CAPÍTULO IV: REFLEXÕES E DESDOBRAMENTOS

*“ É impossível criar sem arriscar ”*

*Paulo Freire*

O primeiro ponto fundamental a ser ressaltado é o fato de termos aprendido na prática que a abordagem narrativa não se resume a um conjunto de práticas ou técnicas a serem repetidas em qualquer situação ou diante de qualquer problema que se apresente a ser trabalhado. Embora a *Árvore da Resistência* seja uma adaptação livre da *Árvore da Vida*, certamente foi executada e passou por momentos totalmente distintos do descrito na literatura para a *árvore da vida*. Entretanto, como estavam todos os movimentos norteados pelas crenças básicas da postura colaborativa - o cliente é o especialista, as pessoas contêm em si sabedoria singular e valiosa; mudar é difícil, mas é possível; o futuro não é inexorável, pode ser melhor, pode ser sonhado; a história preferida pode ser contada - o resultado final se alinhou com o intuito original de ampliar a conexão dos indivíduos com suas próprias habilidades e competências, recursos, esperanças, valores e sonhos.

O mais relevante é reconhecer que o fazer (prática) fundado na ética deve estar a serviço do sentimento sincero em ser solidário, e não prescinde da teoria. A abordagem narrativa está muito mais associada a uma postura epistemológica e existencial de respeito ao outro, e de cuidados com a o risco do pensamento dominante e do poder do

conhecimento. O desafio é manter os esforços no sentido de diminuir a distância entre o discurso teórico e a prática.

Outra consideração que parece relevante está na área da demanda. A equipe Jardim das Narrativas foi contatada na Universidade pelas assistentes sociais que atuavam como gestoras do abrigo temporário. Foram elas que demandaram um trabalho de apoio psicológico e foi impressão da equipe que essa talvez não fosse a demanda dos desabrigados. De fato, tanto na visita de inscrição como no dia mesmo do encontro reflexivo, a equipe ficou com uma sensação dúbia de que, ao mesmo tempo em que as pessoas desabrigadas desejavam apoio e auxílio, elas eram desconfiadas em relação a fazer grupo com as psicólogas. Pareciam mais interessadas em algum tipo de atendimento individualizado. A exposição em um grupo parecia desconfortável demais para a maioria das pessoas que encontramos.

Esse dado pode estar ligado ao tipo de trauma com o qual estávamos lidando. Pessoas desabrigadas talvez já estejam com suas vidas expostas demais. O primeiro dia de visita ao abrigo já havia provocado na equipe Jardim das Narrativas um sentimento de desconforto quando, ao visitar o abrigo, as assistentes sociais a levou para conhecer o abrigo e entrar nos aposentos transformados em dormitório.

Assim, é importante considerar até que ponto está sendo reproduzido o pensar dominante e comum, atendendo muito mais a uma demanda da equipe e das assistentes sociais do que efetivamente das famílias envolvidas.

Outro resultado desse processo parece ser a aproximação do sujeito autor de sua vida, do sujeito constituído sócio-historicamente. Um exemplo é uma fala que vai da competência reconhecida à possibilidade de agir socialmente: ‘Eu sou bom para cuidar de bichos. Posso ser veterinário’; ‘Jogo bola bem, posso ser jogador de futebol’. Esses

são relatos onde as pessoas descrevem a si próprias na primeira pessoa, demonstrando assim ampliação da percepção da capacidade própria de agir socialmente.

A consciência de sermos seres inacabados nos lança num “permanente movimento de busca”, no qual se alicerça a esperança.

O sentimento que norteava as conversas reflexivas da equipe após o evento nomeava o evento como bem-sucedido. O emprego do termo “bem-sucedido” cabe não apenas aos possíveis resultados do encontro alcançados junto às crianças, mas também é pertinente ao processo reflexivo, criativo e flexível através do qual a equipe se empenhou para tornar o encontro possível. Encontro que pode ser resumido como “abrindo espaço, construindo caminhos, seguindo em frente”.

Durante o encontro, a equipe pôde construir uma outra história. Aqueles que previamente haviam sido “deixados de fora” na fase do planejamento foram, como “eventos únicos”, incluídos. Lá na “periferia” da quadra, ao redor da piscina, as crianças ajudaram a criar condições que possibilitaram a ação e garantiram que uma nova história pudesse ser contada. Uma história que fala sobre a criação de novas e livres terapeutas. O crescente diálogo com a abordagem narrativa/construcionista enriqueceu as possibilidades de recriação da própria equipe.

Desta forma, o que prevaleceu foi o conforto com a possibilidade de criar para além das receitas pré-preparadas. A liberdade de construir, desconstruir e reconstruir formatos culturalmente responsáveis e respeitosos, centrados apenas na premissa de iluminar os recursos e competências de todos os envolvidos.



“...cada um de nós compõe a sua história; e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz.”

*Tocando em Frente*  
Almir Sater

## **Bibliografia**

Anderson, H. e Goolishian, H. (1993). O cliente é o especialista. Uma abordagem para terapia a partir de uma posição de Não Saber. *Nova Perspectiva Sistêmica*. Rio de Janeiro, ano II, n. 3: 8-24.

Barreto, A. (2008). *Terapia Comunitária: passo a passo*. Fortaleza: Gráfica LCR.

Denborough, D. (2008). *Collective Narrative Practice. Responding to individuals, groups, and communities who have experienced trauma*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.

Grandesso, M. A. (2008). “Dizendo olá novamente”: a presença de Michael White entre nós Terapeutas Familiares. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*. - v.1, n.1 (2008) – Porto Alegre: ABRAETEF: 65-78.

Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a Reconstrução do significado: Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Freire, P. (1983). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Morgan, A.(2007). *O que é Terapia Narrativa?: uma introdução de fácil leitura*. Brum, C. (trad). Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas. (trabalho original publicado em 2000. Adelaide: Dulwich Centre Publications)

Russell, S. & Carey, M. (2007). *Terapia narrativa: respondendo às suas perguntas*. Francisco, A. (trad). Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas. (trabalho original publicado em 2004. Adelaide: Dulwich Centre Publications)

White, M. e Epston, D. (1990). *Narrative Means to Therapeutic Ends*. New York: W. W. Norton & Company

## ANEXO 1

*Que É, O Que É?*

Gonzaguinha  
Composição: Gonzaguinha

Eu fico  
Com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita...  
Viver!  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...  
Ah meu Deus!  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser  
Bem melhor e será  
Mas isso não impede  
Que eu repita  
É bonita, é bonita  
E é bonita...  
E a vida!  
E a vida o que é?  
Diga lá, meu irmão  
Ela é a batida  
De um coração  
Ela é uma doce ilusão  
Hê! Hô!...  
E a vida  
Ela é maravilha  
Ou é sofrimento?  
Ela é alegria  
Ou lamento?  
O que é? O que é?  
Meu irmão...

Há quem fale  
Que a vida da gente  
É um nada no mundo  
É uma gota, é um tempo  
Que nem dá um segundo...  
Há quem fale  
Que é um divino  
Mistério profundo  
É o sopro do criador  
Numa atitude repleta de amor...  
Você diz que é luxo e prazer  
Ele diz que a vida é viver  
Ela diz que melhor é morrer  
Pois amada não é  
E o verbo é sofrer...  
Eu só sei que confio na moça  
E na moça eu ponho a força da fé  
Somos nós que fazemos a vida  
Como der, ou puder, ou quiser...  
Sempre desejada  
Por mais que esteja errada  
Ninguém quer a morte  
Só saúde e sorte...  
E a pergunta roda  
E a cabeça agita  
Eu fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita...

## ANEXO 2

Eram 7 crianças entre 6 e 10 anos. Seis meninas e um menino. Sentaram-se em um círculo com uma menina no meio, agachada, usando uma tiara nos cabelos. Elas começavam a cantar uma música e a menina do centro ia se levantando. Seguindo as instruções da música a menina fazia movimentos e por fim fechava os olhos e escolhia outra criança para colocar a tiara e agachar-se no meio da roda.

A música era:

-Plantei um pé de alface no meu quintal

-Nasceu uma menina de avental (a criança do centro levantava)

-Rebola menina, rebola menina que eu quero ver (movimento de rebolar)

-Samba menina, samba menina que eu quero ver (movimento de sambar)

-Levante a mão....levante a mão para escolher (movimento de fechar os olhos, levantar os braços juntos, depois baixá-los apontando em direção á próxima criança que viria para o meio da roda)

Começava tudo de novo.